

# MAIS ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER: O GOZO E A ÉTICA

João Victor Velame<sup>1</sup>

“Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão”.

Georges Bataille

No seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan faz a leitura de algumas obras freudianas - em especial o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *O Mal-estar na civilização* (1930) -, recortando delas o que seria a contribuição de Freud para o campo da ética. Do *Projeto*, traduzido para língua francesa apenas quatro anos antes desse seminário (LE GAUFÉY, 2012, p. 34), Lacan recorta *das Ding*, a Coisa, que está no âmago do aparelho psíquico freudiano - mais além do limite do princípio do prazer; e do *Mal-estar*, por sua vez, ele se interessa, sobretudo, pelo que Freud elabora a partir da sua inquietação frente à máxima cristã “Ama teu próximo como a ti mesmo”, considerada como o que há de “mais contrário à natureza humana original” (FREUD, 1930, p. 78).

O ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Extensionista dos projetos “Acolhimento Institucional e Clínica do Desamparo” e “Ambulatório do luto”. Bolsista PIBIC na pesquisa “Discursividades sobre luto e morte no contexto brasileiro da pandemia COVID-19: perspectivas cruzadas entre psicanálise e crítica social”.

disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. (Ibid., p. 76-77)

Lacan, então, levando a sério a radicalidade de tal elaboração freudiana, recorta dela o que nomeia como gozo, ou seja: o que em mim, à medida que vou me aproximando, faz emergir uma “insondável agressividade diante da qual eu recuo” (LACAN, 1958-1959, p. 227); e o que no próximo, pelo seu caráter nocivo, “se propõe como o verdadeiro problema para o meu amor” (Ibidem). Enquanto faz esse recorte, Lacan também situa o gozo próximo à *das Ding*, a Coisa, igualmente além do limite do princípio do prazer no qual, segundo ele, “se produzem as frenagens, onde se organiza a inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo. [...] [Sendo que] Esse ponto crucial é, ao mesmo tempo, o que a análise tem de novo, por mais acessível que seja, no entanto, no campo da ética” (LACAN, 1958-1959, p. 248).

É em direção a esse “ponto crucial”, portanto, que este trabalho irá se dirigir, com o intuito de, por um lado, localizar o que ele traz de novidade para o campo da ética; e, por outro, investigar os ecos desta novidade na *práxis* psicanalítica e mesmo no que esta pode vir a produzir em um determinado sujeito.

### **Rumo ao limite do princípio do prazer**

Lacan recorta *das Ding*, a Coisa, do *Projeto para uma psicologia científica* (1895), especialmente do capítulo “Memória e juízo”, no qual Freud investiga as relações entre estes dois processos psíquicos, ao passo que apresenta uma certa concepção do objeto da atividade perceptiva. Para Freud, esse objeto é também o que se oferece ao que ele chama de “compreensão”, isto é, a correspondência entre o que foi registrado no corpo e as “lembranças de movimento” (FREUD, 1895, p. 252). Fazendo uso da experiência do próximo [*Nebenmensch*] como um exemplo da “compreensão”, Freud indica que:

o complexo do ser humano semelhante [*Nebenmensch*] se divide em dois componentes, dos quais um produz uma impressão por sua estrutura constante e permanece unido como *uma coisa* [*als Ding*], enquanto o outro pode ser compreendido [*verstanden*] por meio da atividade de memória - isto é, pode ser rastreado até as informações sobre o próprio corpo (Ibid.).

Na leitura que faz dessa passagem, Lacan destaca o fato de *das Ding*, a Coisa, ter sido apresentado por Freud como o componente “que é, originalmente, isolado pelo

sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*” (Ibid., p. 68); acrescentando, em seguida, que é propriamente em torno de *das Ding*, deste “primeiro exterior”, como também a define, “que se orienta todo o encaminhamento do sujeito” (Ibid., p. 68). Assim, ele oferece a seguinte definição:

*Das Ding* é o que - no ponto inicial [...] da organização do mundo no psiquismo - se apresenta, e se isola, como o termo de estranho [*Fremde*] em torno do qual gira todo o movimento da *Vorstellung* [representação], que Freud nos mostra governado por um princípio regulador, o dito princípio do prazer (Ibid., p. 76).

Lacan concebe *das Ding*, a Coisa, portanto, como “um estranho tanto exterior como interior” (JULIEN, 1993, p. 71) - uma “extimidade” - localizado além do limite do princípio do prazer, ou seja, do que pode vir a ser representado, ou, de acordo com Freud no *Projeto, verstanden*, compreendido.

É, apesar disso, próximo à Coisa, que é estranha ao sujeito e que excede os trilhamentos [*Bahnung*] significantes por onde este se encaminha, que Lacan situa o gozo, cuja estranheza e o excesso são também característicos. O gozo, assim situado, é posto em franca relação com o limite do princípio do prazer - considerado pelo autor como o “ponto crucial” - que interdita o seu acesso, embora, paradoxalmente, seja a condição para que algum ultrapassamento em seu sentido possa vir a acontecer; o que Lacan bem pontua quando afirma que: “A transgressão no sentido do gozo só se efetiva apoiando-se no princípio contrário, sob as formas da Lei” (Ibid., p. 217), como, por exemplo, a forma da lei do Bem.

### **No limite do princípio do prazer: o bem**

Lacan, ainda na *Ética da psicanálise* (1958-1959), apresenta algumas barreiras que são erigidas no limite do princípio do prazer e que instauram a interdição do gozo ao sujeito - e, conseqüentemente, a possibilidade de sua transgressão -, e o encontro deste sujeito com o estranho gozo do próximo. Uma dessas barreiras é o Bem, que ele aborda em relação à máxima cristã “Ama teu próximo como a ti mesmo”, diante da qual Freud ficou não apenas inquieto, mas “horrorizado” (LACAN, 1958-1959, p. 223). Isso porque essa máxima portaria em si, segundo a leitura de Lacan, aquilo que se configura, paradoxalmente, como “o verdadeiro problema para o meu amor”, no sentido em que, como bem indica Philippe Julien:

Amar esse próximo é fazer-se próximo desse cerne [a Coisa], lugar de meu próprio gozo. [E] Não há nada mais próximo do que esse cerne, o de meu gozo maligno. [Acrescentando que] Desse lugar, não ousou aproximar-me, pois esse gozo é nocivo a mim mesmo e a meu semelhante: está *além* do bem (JULIEN, 1993, p. 52).

Todavia, o que é esse Bem que se coloca como barreira ao gozo do sujeito e do seu próximo e que serve de referência a Lacan no seu questionamento sobre o que seria ética da psicanálise. É possível entrever a resposta a esta questão no próprio comentário que Lacan faz a respeito do horror de Freud diante do “Ama teu próximo como a ti mesmo”, quando aponta que nas considerações deste estava “toda a concepção aristotélica dos bens” (Ibid., p. 227). Não sem, evidentemente, pontuar as diferenças do tratamento dado por esses dois, Freud e Aristóteles, a questão que é “tão próxima quanto possível de nossa ação” (Ibid., p. 261).

### **A ética da psicanálise e a *práxis* analítica**

É de Aristóteles, sobretudo da *Ética a Nicômaco*, que Lacan extrai a concepção de bem com a qual opera ao longo do seminário *A ética da psicanálise* (1956-1960). Bem que, elevado ao estatuto de Bem Supremo em tal obra aristotélica, seria a finalidade última das ações do sujeito, uma vez que equivaleria à tão almejada felicidade [*eudaimonia*]. Entretanto, como adverte Lacan, “o passo dado por Freud, no nível do princípio do prazer [que, como demonstrado anteriormente, corresponde ao do bem], é o de mostrar-nos que não há Bem Supremo - que o Bem Supremo que é *das Ding* [...] é um bem proibido e que não há outro bem” (Ibid., p. 87-88). Desse modo, se a ética aristotélica pode ser pensada como uma *ética do bem*, a ética da psicanálise - se há uma<sup>1</sup> - se proporia a ir mais além dos limites deste ao incluir *das Ding* e, por conseguinte, o gozo em sua proximidade; ou seja, ao incluir aquilo a que o desejo do sujeito se direciona. Afinal, como afirma Lacan, “é sempre por meio de algum ultrapassamento do limite benéfico que o homem faz a experiência do seu desejo” (Ibid., p. 362).

Nesse sentido, portanto, a ética da psicanálise, em diferença à ética aristotélica, estaria mais próxima a uma ética do desejo, posto que, como proposto por Lacan, ela incidiria não apenas sobre a relação do sujeito com os bens, mas sobre a “relação da ação

---

<sup>1</sup> É o próprio Lacan que, na *lição de 6 de julho de 1960*, coloca a questão: “Se há uma ética da psicanálise - a questão se coloca -, é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação - ou simplesmente pretende isso”. (Ibid., p. 364)

com o desejo que a habita” (Ibid., p. 366). O que, ainda de acordo com ele, se sustentaria ao fazer eco à própria convocação ao retorno do sentido da ação instaurada pela hipótese freudiana do inconsciente, que está no cerne da *práxis* psicanalítica. É mesmo por isso que Lacan define essa *práxis* como não sendo “senão o convite para a revelação de seu desejo” (Ibid., p. 270), isto é, do desejo do analisante; posicionando em um lugar central dela a incandescente questão: “agiste conforme o desejo que te habita?” (Ibid., p. 367).

Nesse ponto, faz-se necessário também pensar sobre o que, ao longo da experiência de uma análise, funciona como suporte para o desejo do analisante e para a própria investigação que ela suscita: o desejo do analista. Esse desejo foi posto em questão algumas vezes por Lacan durante *A ética da psicanálise* (1959-1960), sempre no sentido de mostrar - assim como fez com a ética que estava tentando propor - o seu caráter subversivo, inédito e, por vezes, paradoxal. Como, por exemplo, quando ele tensiona, a seguinte passagem, a relação entre o desejo do analista e os desejos de fazer o bem e curar, que podem facilmente recobri-lo, embotando o que há de mais radical na posição que o analista ocupa quando na direção de uma análise:

A cada instante temos de saber qual deve ser nossa relação efetiva com o desejo de fazer bem, o desejo de curar. Temos de contar com ele como algo suscetível de desencaminhar-nos, e, em muitos casos, instantaneamente. Diria mais - poder-se-ia de maneira paradoxal, ou até mesmo decisiva, designar nosso desejo como um não-desejo de curar. Essa expressão não tem outro sentido senão o de nos alertar contra as vias vulgares do bem, tal como elas se oferecem a nós tão facilmente em seu pendor, contra a falcatrua benéfica do querer-o-bem-do-sujeito.

Mas daí, de que então desejam vocês curar o sujeito? Não há dúvida de que isto é absolutamente inerente à nossa experiência, à nossa via, à nossa inspiração - curá-lo das ilusões que o retêm na via de seu desejo (Ibid., p. 223).

Nessa passagem, ao apontar que a “cura” em jogo numa análise é a “das ilusões que o retêm [o analisante] na via de seu desejo”, Lacan torna patente o sentido do convite que o analista, sustentado pelo desejo do analisante e por sua ética, faz para que o sujeito em análise se encaminhe em direção a *das Ding*, a Coisa, percorrendo os trilhamentos significantes que lhe são próprios, bem como aproximando-se do gozo que o concerne, embora o exceda e o faça recuar. É a possibilidade de afirmação do desejo como tal que, segundo Lacan, ao menos no seminário em questão, a experiência psicanalítica visa produzir, o que implicaria igualmente uma certa mudança no modo como o sujeito que passou por essa experiência se posiciona em relação ao Outro e ao seu próximo, cujo estranho gozo talvez se torne para ele um pouco menos urticante.

## **REFERÊNCIAS:**

FREUD, S. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JULIEN, P. *O estranho gozo do próximo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

JULIEN, P. *O retorno à Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

LACAN, J. (1959-1969). *O seminário livro VII: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LE GAUFÉY, G. *L'objet a: approches de l'invention de Lacan*. Paris: Epel, 2012.